

15a
edição

O inventário de Antonio Landi e a invenção do “arquiteto genial”: história, biografia e a valorização do passado amazônico

Por Wesley Oliveira Kettle

Email: wesleycx@yahoo.com.br

Resumo: O artigo trata de como o Inventário da Natureza, formulado por Antonio Landi na segunda metade do século XVIII, tem sido utilizado pela literatura acadêmica como um elemento de valorização de sua biografia, e de como passado da Amazônia colonial, o Inventário e seu próprio autor deixaram de representar o atraso, símbolos de um tempo de dominação, para se tornarem, no argumento desses letrados, pontos de partida de trajetória vitoriosa do Vale Amazônico guiada pela administração metropolitana, discurso que procurava valorizar toda a história desse lugar.

Palavras-chave: Amazônia, Antonio Landi, Natureza.

Abstract: The article discusses how Inventory Nature, formulated by Antonio Landi in the second half of the eighteenth century, has been used by the academic literature as an element of appreciation of his biography, and how the colonial past of the Amazon, the inventory and its own author failed to represent the delay time symbols of domination, to become, in the argument of these scholars, the starting points of the Amazon Valley victorious path guided by the metropolitan administration, speech that sought to value the history of this place.

Keywords: Amazon, Antonio Landi, Nature.

Avarentos eram quase todos os conquistadores: - estimavam o solo pelos metais preciosos que colhiam; - resgatavam os supostos prisioneiros de guerra para terem escravos a seu serviço, nada mais miravam que não fosse o benefício particular de cada um. À custa do suor e sacrifício dos selvagens. Esta é a triste verdade, que os fatos irão pouco e pouco confirmando.

Domingos Antonio Raiol

Há uma história, fácil e cômoda, feita de generalizações, de sínteses, de símbolos, que dispensando-se de indagar miudamente os fatos e as intenções que os presidem ou inspiram, vai canonizando personagens e glorificando ações, que de mais perto e à melhor luz vistas são realmente execráveis.

José Veríssimo

Os trechos transcritos acima, de Domingos Antonio Raiol[1] e José Veríssimo[2], expressam uma crítica ao fazer histórico que não problematiza as intenções que moveram os indivíduos ao longo do tempo, transformando em heróis personagens que, segundo os autores, não merecem tal glória. Raiol e Veríssimo construíram uma compreensão pessimista da história colonial e seus personagens, destacando o que chamavam de “poder despótico”, qualificado como atrasado, denunciando o autoritarismo de uma política violenta e pautada por desmandos, considerando serem esses os motivos do estado de pobreza em que se encontraram o Grão-Pará e o Maranhão.

Domingos Antonio Raiol e José Veríssimo compartilhavam de uma leitura que reconhecia os indivíduos pertencentes a elite colonial como representantes de um projeto opressor imposto pela Coroa portuguesa, na qual se encontraria a origem dos problemas que assolavam a sociedade paraense. Os agentes da Metrópole eram considerados como símbolos de um poder autoritário que teria impedido o desenvolvimento econômico dessa sociedade.[3]

Os diversos textos produzidos ao longo do período colonial, assim como seus autores, foram interpretados, em fins do século XIX e início do século XX, como testemunhas de um período de dominação da metrópole portuguesa. Os súditos leais ao Rei de Portugal, como o arquiteto italiano Antonio Landi, representavam

O velho, o ultrapassado, o antigo regime. A imagem era do aristocrata, do senhor de engenho, do proprietário de escravos e do apadrinhado da coroa portuguesa. O fim do século XIX lia a colônia com desdém e, mais do que isto, procurava riscar do mapa esses tempos da dominação portuguesa .[4]

Era preciso ter cautela ao narrar a vida dos personagens da Amazônia colonial, pois, parecia estar em suas ações a explicação de muitas mazelas sofridas pela sociedade paraense do período[5], o Antigo tinha como sinônimo o atraso.

Para Jacques Le Goff [6] esse tipo de leitura do passado, que colocava em oposição o Antigo e o Moderno, foi motivado pelo advento do Iluminismo. As novas formas de ciência, literatura e arte desencadearam a ideia de que o Antigo representava algo superado, enquanto que o Moderno se apresentava como progressista.

Ainda no século XIX, Antonio Ladislau Monteiro Baena realizou seu estudo corográfico[7] , destacando o fim do período colonial e valorizando uma história independente em relação a Portugal. No intuito de construir uma minuciosa descrição da Província do Pará, ele contou com a figura de Antonio Landi, na função de arquiteto da cidade, reconhecendo seu trabalho na construção de edificações e sua participação na vida religiosa[8].

Antonio Baena buscou entender a configuração do espaço urbano que se apresentava diante dele, apontando por meio desse estudo as possibilidades da província em retirar da natureza benesses rentáveis. Antonio Landi foi referido por ele como um personagem que participou diretamente da construção da cidade, envolvido na dinâmica da economia local a favor da metrópole, representante do período colonial[9].

Dentre muitas atividades exercidas por Antonio Landi, não podemos deixar de reconhecer que foi seu trabalho como arquiteto que lhe conferiu grande notoriedade. A partir do século XX, um grupo importante de historiadores e estudiosos da arquitetura passou a reivindicar uma leitura que reconhecesse o passado colonial como positivo, utilizando a figura do arquiteto bolonhês para valorizar a história da Amazônia, especialmente a história da cidade de Belém do Pará.

Os intelectuais empenhados na criação de uma identidade da cidade de Belém, capital do Pará, buscaram incessantemente narrar o passado com um objetivo definido: criar o imaginário da cidade moderna, por meio de um discurso que misturaria história e poesia. Segundo Jacques Le Goff, as incertezas quanto ao futuro levaram o homem a olhar para o passado e encontrar nele alguma esperança[10].

Alguns intelectuais na Amazônia se debruçaram sobre o tema da identidade da cidade. Dentre eles, Augusto Meira Filho (1915-1980) encontrou na figura de Antonio Landi uma representação desse passado colonial que trouxe modernidade para a Amazônia[11], além de contribuir para um redimensionamento da biografia do arquiteto italiano.

Por meio de argumentos e objetivos que buscavam conferir valor à Amazônia a partir da herança colonial, Augusto Meira Filho se valeu da biografia de Antonio Landi e seus trabalhos de arquitetura para atribuir valor histórico à Belém do Pará. Especialmente as edificações coloniais foram exemplos utilizados por Meira Filho em uma espécie de resgate de uma história considerada por ele esquecida e indispensável.

Nascido em Belém no ano de 1915, Augusto Meira Filho foi escritor, poeta, historiador, engenheiro e político. Participou ativamente da vida pública da cidade na condição de vereador, sugerindo, como presidente da Câmara Municipal, projetos que visavam à preservação do conjunto arquitetônico belemense. Destacou-se na década de 1970 como um dos mais importantes intérpretes da formação histórica de sua cidade natal[12] .

Augusto Meira Filho narrou uma história da cidade de Belém sob a ótica da conquista político-econômica

lusitana, tendo como argumento principal a ideia de que a capital paraense possuía como destino histórico exercer o papel de centro catalisador do progresso do Vale Amazônico. Tal certeza se confirmaria lendo os acontecimentos que constituíram a história de Belém, a partir de um olhar que buscava anotar o aprimoramento da cidade. Augusto Meira Filho desenvolveu seu argumento por meio de interpretações de documentos históricos, recolhidos em arquivos brasileiros e portugueses.

O argumento do “arquiteto genial” foi amplamente defendido e divulgado por Augusto Meira Filho por meio de obras como *Landi – esse desconhecido*[13] e *O Bi-secular Palácio de Landi*[14]. Tais obras evidenciam a tentativa de resgatar a biografia do arquiteto bolonhês Antonio Landi, valorizando seu trabalho com História Natural, além de valorizar o conjunto de edificações do século XVIII encontrado em Belém.

A produção de Augusto Meira Filho se fez na reivindicação de um lugar de destaque para a cidade de Belém, para isso valeu-se da obra de Antonio Landi interpretando-o como arquiteto inovador. No Congresso de História do Segundo Reinado, promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no ano de 1975, ele apresentou um trabalho que demonstrava a ocorrência de atividades artísticas, especialmente a pintura, no Segundo Reinado, na Província do Grão-Pará[15], apontando acontecimentos que valorizariam a história da cidade. Seu argumento tinha sempre como finalidade principal caracterizar o passado da cidade de Belém como composto por fatos relevantes, evidenciando uma trajetória de progresso da cidade.

Em *Contribuição à história de Belém*[16], Augusto Meira Filho informou aos leitores uma seleção de eventos que, segundo ele, valorizaram a cidade de Belém por meio de seu passado. Podemos perceber um esforço considerável nesse projeto de demonstrar os eventos que deveriam estar presentes na narrativa histórica da Amazônia.

A ideia de progresso da cidade baseou o pensamento de Augusto Meira Filho, portanto, em *Evolução histórica de Belém do Grão Pará: fundação e história*[17], ele tentou comprovar a trajetória ascendente da cidade, apresentando aspectos que deveriam ser percebidos como componentes da história do Grão-Pará. Assim, por meio de seu discurso, demonstrava elementos positivos que caracterizariam a cidade como um lugar singular.

As diversas fases de sua política evolutiva, vendo-se em termos de espaço, vencera um longo período de formação no século anterior. E essa formação, no conceito infinito de tempo, não seria mais do que um módulo, um ambiente de um estágio, de um prelúdio, de um intermezo da grande paisagem urbanística, em cujo painel cores mais vibrantes e mais profundas marcariam substancialmente, seu desenvolvimento a partir da metade do século, por assim dizer, depois de 1753.[18]

De acordo com o pensamento de Augusto Meira Filho, a partir da chegada da Comissão Demarcadora de limites, a cidade conheceu um novo e evoluído estágio. Seria o apogeu da administração metropolitana na Amazônia, consequência da experiência trazida pelos técnicos e artistas que compunham a comissão: “Daquele instante de renovação e de valorização dos homens de governo e da própria terra, Belém do Grão Pará ganharia os primeiros fluidos de seu grandioso porvir” [19].

A transformação urbanística da cidade foi, para Augusto Meira Filho, o sinal de um futuro promissor. Os moradores seriam transformados pela nova organização imposta pelos colonizadores[20]. O tom otimista do autor seguiu, narrando a trajetória ascendente da cidade, a partir dos marcos arquitetônicos. A figura de Antonio Landi foi evocada para valorizar ainda mais esse passado.

A imensidão verde, os pássaros coloridos e curiosos, as plantas exóticas, tudo, enfim revelando à sensibilidade do artista peninsular, aquela sensação de beleza de um mundo encantado que viria descobrir nos confins da América. Todas as coisas, no rio Negro, na Amazônia, contribuíram para extasiar o nosso bolonhês perdido e encantado nas florestas imensuráveis do grande Vale. [21]

A história de evolução, construída por Augusto Meira Filho, considera Antonio Landi um intelectual que se doou pelo progresso da Amazônia. Descrevendo sua trajetória, relatou que o italiano escolheu não retornar a sua terra natal, “crescendo em sua alma uma enorme vontade de permanecer neste país, nestas terras do Grão Pará e da Amazônia brasileira”[22].

A relação de Augusto Meira Filho com a figura de Antonio Landi esteve circunscrita à defesa do seu argumento, segundo o qual Belém teria sido protagonista de uma trajetória progressiva, de aprimoramento. Antonio

Landi participava dessa trajetória emprestando sua biografia genial, constituindo-se em um dos heróis da História da Amazônia. Isso porque o arquiteto italiano teria se colocado à disposição do projeto português de modernizar a cidade de Belém e seus moradores.

O entendimento da figura de Antonio Landi como um “grande homem”, presente na narrativa de Augusto Meira Filho, revela um discurso que faz parte de uma tradição da historiografia brasileira que, desde os primeiros anos da República, cultua a teoria das grandes personalidades, figuras da elite dominante, que ocuparam postos de destaque no Estado, na Igreja, na vida política, econômica ou intelectual. História essa que, para Geraldo Coelho, trazia em seu interior uma “fração da ideologia da classe dominante”[23].

Completando a biografia de um Landi herói e genial, Augusto Meira Filho demonstrou como o arquiteto bolonhês se comportou de maneira sensível e atenciosa diante da natureza do Vale Amazônico. Por meio dessa narrativa, ele buscou criar a figura de um homem sem pretensões de exploração, mas caracterizando o projeto português para a colônia como uma iniciativa puramente comercial.

Para afirmar a grandeza da obra de Antonio Landi, Augusto Meira Filho utilizou comparações com reconhecidos artistas: “Aleijadinho em Minas, Grand-Jean de Montigni no Rio e Louis Léger Vauthier no Recife, o nosso Landi representaria a mesma grandeza artística no Grão Pará”[24]. Outros intelectuais como Robert Smith e Germain Bazin foram citados por Augusto Meira Filho como estudiosos que reconheceram a genialidade do trabalho de Antonio Landi.

Em sua interpretação, Meira Filho reconheceu o arquiteto bolonhês como um homem “à frente de seu tempo”, por sua influência na transformação do espaço urbano da capital paraense. Os resultados dessas transformações também se caracterizariam como vanguardistas, inclusive à frente do Rio de Janeiro[25]. Essa visão deveria tornar a cidade de Belém singular, consciente de um passado glorioso, sem dever nada a qualquer outra capital.

Augusto Meira Filho demonstrava a importância de Antonio Landi, apresentando sua formação em Bolonha e a importância de sua experiência e habilidade no processo de transformação do espaço urbano colonial. Da mesma forma, o arquiteto foi reconhecido como dono de uma sensibilidade ímpar diante da natureza, sendo citado como admirador e pesquisador da região amazônica[26].

Por meio da análise de edificações como a capela, existente no interior do Palácio Lauro Sodré, Augusto Meira Filho reconheceu marcas que caracterizariam o trabalho de Antonio Landi. A Capela do Senhor dos Passos também foi mencionada por ele que, mesmo sem qualquer comprovação documental[27], afirmava fazer parte da produção de Landi, estabelecendo semelhanças arquitetônicas entre a “Capela Pombo” e a “Capela do Palácio Lauro Sodré”:

Nota-se nesta casa religiosa [...] a semelhança impressionante de seus detalhes arquiteturais com o projeto de Landi destinado à Capella do Palácio. Creio não haver mais dúvida sobre a presença do nosso Landi à capelinha tradicional da Família Pombo[28].

O discurso do político, engenheiro e historiador Augusto Meira Filho faz parte dessa construção identitária da cidade de Belém a que temos nos referido, e a utilização da figura de Antonio Landi contribui para esse interesse. A biografia do arquiteto italiano torna-se parte do entendimento da formação histórica de Belém, reforçando a busca pela compreensão de uma história que evoluiu tendo sua origem na colonização portuguesa, mas que seguiu seu próprio caminho.

A história concebida por Augusto Meira Filho é formada por homens ilustres que trouxeram civilidade e inovação à cidade, transformando a paisagem. Ela busca conscientizar seu leitor sobre a importância de atentar para essa tradição da história de Belém em abrigar e produzir intelectuais capazes de fazer o espaço urbano progredir.

Em *Landi, esse desconhecido (o naturalista)*[29], Meira Filho utilizou como fonte principal de sua discussão o Inventário da Natureza[30] produzido pelo arquiteto italiano. Para ele, a sociedade paraense e a comunidade científica deveriam reconhecer a importância do trabalho de História Natural realizado pelo arquiteto bolonhês. Dessa forma, Meira Filho buscou reforçar a ideia da existência de uma tradição amazônica de intelectuais capazes de desenvolver atividades em diferentes campos da ciência.

O Inventário da Natureza de Antonio Landi assume, então, a condição de certificado do trabalho como

Naturalista, demonstrando que, na Amazônia, existiu, ainda no século XVIII, uma preocupação científica em catalogar as espécies naturais. Segundo Augusto Meira Filho, além de arquiteto, Landi também se debruçou sobre a investigação da natureza, o que faria de sua biografia um componente indispensável no projeto de valorização da Amazônia por meio de seu passado.

O prefácio escrito por Arthur Cezar Ferreira Reis, que abre a obra Landi, esse desconhecido, contribuiu para a interpretação das ações portuguesas como empreendimentos civilizadores do Vale Amazônico. O Inventário do arquiteto italiano foi reconhecido como fruto de um “esforço de integração”, promovido por “uma política de valorização” da Amazônia. Para o referido autor, o Inventário da Natureza de Antonio Landi expressava a preocupação do arquiteto em desvendar os mistérios da floresta[31].

As observações de Augusto Meira Filho, contidas na obra *Landi*, esse *desconhecido*, tinham por premissa divulgar o trabalho de História Natural na biografia do arquiteto italiano. Todavia, discorreu sobre sua atividade como arquiteto régio e, de maneira secundária, pontuou a importância do Inventário das plantas e animais amazônicos. Não parece, portanto, ter sido seu objetivo discutir com profundidade a *Descrição das plantas e animais da capitania do Grão Pará*, mas registrar como as espécies foram catalogadas e principalmente divulgar o álbum com desenhos atribuídos a Antonio Landi. Meira Filho reivindicou o reconhecimento do arquiteto italiano também como Naturalista, de modo a qualificá-lo como pioneiro da ciência na Amazônia, reconstituindo assim um passado glorioso que acompanhou as tendências européias de inovação quanto à investigação da Natureza.

A divulgação por parte de Augusto Meira Filho, do trabalho de História Natural do arquiteto bolonhês, objetivava registrar que a Amazônia conheceu esse tipo de anotação científica muito antes que outras localidades do Brasil. Dessa forma, a aquisição dos manuscritos microfilmados que revelam as descrições das plantas e dos animais do Grão Pará de autoria de Landi, assume a condição de ação patriótica, pois significaria atestar a existência do pensamento científico em território amazônico ainda no século XVIII. Segundo ele, “os desenhos de Antonio José Landi revelam ter sido ele o iniciador dessa pesquisa em termos amazônicos, antecipando-se a tudo quanto hoje se conhece atribuído a outros mestres do século XIX”[32].

As considerações de Augusto Meira Filho se inserem, então, em uma discussão do século XX ao que estava acontecendo no cenário nacional, contamos com a historiografia sobre o caráter do Iluminismo luso-brasileiro sem, contudo, dar conta de questões estruturais, para a compreensão da questão, como demonstra a digressão exposta anteriormente. Essa “licença” do autor paraense, pode ser entendida por meio da análise de Maria de Nazaré Sarges, segundo a qual as obras e publicações de meados do século XX, além de procurarem valorizar o passado de Belém, selecionaram os fatos que a memória do povo paraense deveria guardar, consolidando uma história escrita e escolhida pelo governo, além de buscar amenizar as ações autoritárias de o governo militar, que punia seus contestadores [33].

A identidade de Belém, no contexto abordado aqui, foi construída a partir de feitos dos grandes heróis, dos homens geniais. Nesse contexto, verifica-se o interesse pela interpretação dos espaços coloniais, de modo a representar o presente a partir do passado, destacando as diferenças regionais e as semelhanças com a cultura européia. A produção em referência, ao se utilizar do trabalho de História Natural realizado por Antonio Landi, registra um passado no qual, atividades pioneiras, como o Inventário da Natureza do arquiteto italiano, reclamam o reconhecimento da existência de uma tradição científica, “ressuscita” um naturalista em meio a uma floresta primitiva e divulga uma memória oficial.

As obras de Augusto Meira Filho utilizam a biografia de Antonio Landi com o intuito de apresentar elementos que valorizem a história da Amazônia. O esforço desse intelectual não pode ser dimensionado sem considerar seus interesses e o contexto político no qual estavam envolvidos. Segundo Michael Baxandall, qualquer discurso é movido por uma intenção, pois ele é um produto da atividade humana: a “hipótese de fundo é que todo ator histórico e, mais ainda, todo objeto histórico têm um propósito – ou um intento ou, por assim dizer, uma qualidade intencional”[34].

Assim, apesar da utilização do trabalho de História Natural realizado por Antonio Landi compor sua biografia, ela está inserida em um discurso que buscou demonstrar que o herói italiano garantiu à cidade de Belém um passado de tradição, inovador e erudito, o que sugeria um futuro com as mesmas características.

Não foram, no entanto, somente os intelectuais diretamente envolvidos com a construção de uma certa

memória amazônica, os que trabalharam no sentido de estabelecer uma perspectiva que ressaltava o gênio-arquiteto, erudito, naturalista.

Isabel Mendonça, ao apresentar uma análise sobre a biografia de Antonio Landi, apresenta informações sobre os anos em que o arquiteto esteve em Portugal e no Brasil. Segundo a referida autora, as razões que levaram o arquiteto italiano optar pela mudança foi o desejo por conhecer um novo continente e trabalhar a serviço de um monarca com fama de incentivador da arte. Em seu estudo, abordou o processo no qual a administração colonial abandonou uma visão reticente em relação ao italiano e passou a encará-lo como figura importante para os propósitos de ocupação territorial do Vale Amazônico, não somente por seu trabalho na Comissão Demarcadora, mas por sua visão empreendedora na utilização dos produtos da natureza. Todavia, a referida autora reforça a figura de um observador da natureza despretenso, interessado no exotismo da fauna e da flora encontrada no Grão-Pará[35].

As suas observações revelam o amante da Natureza, maravilhado com o tamanho desmesurado de plantas e animais, com os cheiros, os paladares, as cores tão diferentes dos europeus. [...] Nas suas descrições deparamos constantemente com o homem curioso pela Natureza que o rodeia, que guarda em sua casa tábuas de árvores exóticas.[36]

O manuscrito contendo a descrição da natureza do Grão-Pará escrito por Antonio Landi também é citado por Isabel Mendonça, ao referir-se à atividade como desenhador de temas de História Natural. Reconhece nele pouco valor científico, porém percebe ali a expressão da sensibilidade do arquiteto bolonhês diante da natureza amazônica, manifesta em sua curiosidade pelas plantas e animais[37] da região. A autora, a partir dessa mesma visão de um arquiteto italiano curioso sobre a Natureza amazônica, apresenta em sua tese doutoral, um estudo sobre a relação de Antonio Landi com a Natureza, baseando-se em suas descrições das plantas e animais do Grão-Pará.

O argumento que reconhece Antonio Landi como um observador atento da Natureza Amazônica, é utilizado por Isabel Mendonça na construção biográfica de um arquiteto multifacetado, autor de obras marcadas por influências européias, pois seus trabalhos no Vale Amazônico são compreendidos a partir das orientações da Academia Clementina e das determinações da Coroa portuguesa. Isso se aplicava tanto aos seus trabalhos como construtor, quanto aos seus escritos sobre o mundo natural.

Essa última consideração fica clara quando se tem em conta a análise que Isabel Mendonça formula sobre as observações do italiano sobre a natureza. Seu estudo se debruça sobre o desenho e a técnica do construtor bolonhês, chamando atenção para a conformação das obras, tanto na concepção do estilo adotado quanto no financiamento das construções. Da mesma forma, o trabalho de História Natural, constituir-se-ia em reflexo do projeto lusitano, permitindo conhecer a biografia de um herói patrocinado pela administração metropolitana, que explica parte do que se reconhece como patrimônio histórico na Amazônia.

Na obra intitulada *Amazônia Felsinea/ Antonio José Landi – Itinerário artístico e científico de um arquitecto bolonhês na Amazônia do século XVIII*, encontramos reunidos uma série de artigos que se propõem a apresentar a biografia de Antonio Landi como uma expressão da união entre o mundo português e o amazônico, resultante do projeto político ibérico de demarcação das fronteiras entre Espanha e Portugal. Tal publicação reconhece no “arquitecto Clementino” uma “figura emblemática”, na qual confluem diferentes tradições culturais e artísticas e que se interessou precocemente pela “questão amazônica”[38].

Podemos compreender os artigos reunidos na obra acima referida no contexto das comemorações dos 500 anos de Descobrimento do Brasil, quando, mais uma vez, se pretendeu dar à figura de Antonio Landi as qualidades de um homem capaz de valorizar, por meio de seu trabalho científico e principalmente artístico, a Amazônia e conseqüentemente o Brasil, registrando inequivocamente a contribuição portuguesa para o desenvolvimento da nação brasileira. Como deixamos claro, essa obra comemorativa não inaugurou essa tentativa de redimensionar a biografia de Antonio Landi, com o propósito de torná-lo um ícone da Amazônia luso-brasileira. Ela se distingue, todavia, ao apresentar documentos com o objetivo de fundamentar essa visão de grande artista europeu responsável por parte da transformação da Amazônia setecentista.

Apesar de considerar a vida e a obra de Antonio Landi na Amazônia uma conjugação de experiências e tradições de espaços culturais diferenciados, os artigos reunidos em *Amazônia Felsinea* reconhecem a tradição

artística bolonhesa e os projetos portugueses como elementos que irão dirigir as ações realizadas pelo arquiteto italiano. A dinâmica própria da sociedade residente no Vale Amazônico não é considerada relevante para influenciar biografia do construtor bolonhês.

Compondo a obra *Amazônia Felsínea*, o Inventário sobre a Natureza é fonte principal do artigo escrito por Luzia de Sousa, que desenvolve o argumento de que a descrição das plantas e animais do Vale Amazônico contribui para a consideração do arquiteto Antonio Landi como naturalista, destacando curiosidades em seu relato. O artigo em questão reitera o propósito de se registrar a existência precoce da pesquisa científica, promovida pelo Estado português na Amazônia[39].

Por outro lado, Nelson Papavero questiona a atribuição de genialidade ou, simplesmente a caracterização do trabalho de Antonio Landi como vanguardista, quando trata de sua inserção pela História Natural. Para esse autor, os sistemas de classificação e descrição utilizados na Europa, na segunda metade do século XVIII, não foram observados no Inventário sobre a Natureza do Grão-Pará, escrito pelo arquiteto bolonhês. Além disso, o Inventário do arquiteto italiano apresentaria aspectos do pensamento renascentista, demonstrando um descompasso entre suas descrições e as propostas pela Nova Ciência. Nelson Papavero apresenta o contexto iluminista relacionando-o ao trabalho de História Natural realizado por Antonio Landi, e, diante do que viu classifica-o de superficial, por considerar sistemas de classificação coevos. É apresentada uma transcrição do Inventário escrito por Antonio Landi, contendo notas com o objetivo de esclarecer as intenções do trabalho realizado pelo italiano além de determinar os nomes das espécies[40].

Os estudos que utilizam o Inventário de Antonio Landi, tanto a de Nelson Papavero quanto a de Isabel Mendonça, têm lido a *Descrição das plantas e animais da capitania do Grão Pará* com a preocupação de relacioná-las às determinações metropolitanas ou às orientações da História Natural vigente na Europa.

Esse mesmo aspecto tem influenciado as pesquisas que se debruçam, especificamente, sobre os trabalhos arquitetônicos de Antonio Landi, resultando em uma discussão urbanística. Nesse sentido, elegem o traço de Antonio Landi como manifestação do projeto civilizatório pombalino, de organização da colônia portuguesa, responsável pela alteração da paisagem da cidade amazônica. Seu trabalho como desenhador e observador da natureza é destacado em sua biografia como mais uma habilidade do arquiteto genial.

A valorização do passado, especialmente a construção de uma história positiva da cidade de Belém, se fez por meio de um discurso “oficial” que considera Antonio Landi como o grande responsável por realizar as obras pensadas pela Coroa portuguesa. Suas atividades são colocadas a serviço da valorização do passado luso-amazônico. Essa fabricação do arquiteto-herói, responsável por guiar a cidade em direção ao progresso, reconhece suas ações como reflexo dos projetos metropolitanos. Essa visão acaba deixando de lado a grande experiência que o arquiteto teve na Amazônia, onde passou a maior parte de sua vida, ou seja, não reconhece Antonio Landi como colono, morador de Barcelos ou de Belém, onde se casou, teve filhos e principalmente realizou atividades comerciais. Suas aspirações como sujeito político e seu envolvimento na dinâmica local poderiam compor uma biografia que revelaria o sentido de seu trabalho de História Natural e sua relação com a Natureza amazônica.

A literatura acadêmica que considera o Inventário sobre a Natureza de Antonio Landi importante para entender sua biografia, o interpreta como um desdobramento das ações metropolitanas, trabalho que evidencia a importância da presença portuguesa no desenvolvimento da Amazônia. Também lê a *Descrição* do italiano com a preocupação de estabelecer semelhanças e diferenças com os sistemas de classificação utilizados no mesmo período no Velho Mundo. Um grupo maior exalta sua biografia com o propósito de reafirmar uma tradição de incentivo por parte do Estado Português ao trabalho com as Ciências Naturais; também procuram constatar um passado em que a arquitetura foi fundamental para a reorganização do espaço urbano possibilitando o progresso da cidade, além de demonstrar como um desses técnicos da construção expressou sua genialidade por meio do trabalho com outros campos da ciência, nesse caso a História Natural.

A *Descrição das plantas e dos animais da capitania do Grão-Pará* não é a evidência de uma preocupação lusitana diante das questões amazônicas, nem somente um simples reflexo das aspirações administrativas do governo português, como também não é um desdobramento do projeto de ocupação do território amazônico, tampouco se resume na tentativa de se aproximar do pensamento científico europeu. O Inventário expressa o discurso de Antonio Landi como morador da colônia envolvido na dinâmica local.

Dessa forma, suas experiências e seus interesses no Vale Amazônico Amazônia, foram fundamentais para a construção da visão de Natureza expressa no seu trabalho de História Natural, revelando suas pretensões e a dinâmica da sociedade local. A genialidade a ele atribuída não se sustenta quando reconhecemos que realizar atividades em diversos campos do conhecimento foi atitude comum ao longo do século XVIII. Segundo Nelson Sanjad, os homens que participaram desse período de conformação das fronteiras do ultramar (1750-1820) possuíam uma característica comum: a qualidade de polígrafos. Transitavam por diferentes áreas do conhecimento, “foram ao mesmo tempo naturalistas, exploradores, artistas e muitas vezes comerciantes e proprietários de terras.”[41]

O argumento que nos propomos apresentar, procura ler a *Descrição das plantas e dos animais da capitania do Grão Pará* reconhecendo ser um texto produzido no Vale Amazônico, portanto, expressando as questões referentes às demandas locais, especialmente de interesse de seu autor. Propomos àqueles que queiram escrever uma biografia de Antonio Landi ou qualquer outro homem que viveu intensamente como ele o mundo colonial, que tenha como referência suas relações estabelecidas na sociedade colonial. Ressaltamos, antes de encerrar, que de forma alguma pretendemos desconsiderar o conhecimento produzido ao longo do tempo sobre o manuscrito de História Natural do arquiteto bolonhês, ao contrário, é a partir dele que podemos construir nossas observações.

NOTAS:

- [1] RAIOL, Domingos Antonio. A abertura do Amazonas. In: *Obras de Domingos Antonio Raiol, Barão de Guajará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970. p. 19.
- [2] VERÍSSIMO, José. *Estudos amazônicos*. Belém: EDUFPA, 1970. p. 147
- [3] Sobre a construção da história colonial de Domingos Antonio Raiol ver: RICCI, Magda. O Império lê a colônia: um barão e a história da civilização na Amazônia. In: BEZERRA NETO, José Maia; GUZMÁN, Décio de Alencar (Org). *Terra matura: historiografia e história social na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002. p. 29-37. Sobre a interpretação de José Veríssimo referente ao passado colonial ver: BEZERRA NETO, José Maia. Os males de nossa origem: O passado colonial através de José Veríssimo. In: GUZMÁN, Décio de Alencar (Org). Op. cit., 2002. p.39-66.
- [4] FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. As memórias do Tempo de Landi. In: *Seminário Landi e o século XVIII na Amazônia*, 2003, Belém: Anais do Seminário. Belém: 2003. Disponível em: <www.forumlandi.com.br/biblioteca/Arq/transmissao.pdf>. Acesso em 16 mai. 2008.
- [5] Cf. BEZERRA NETO, José Maia. Op. cit., 2002. p. 39-66.
- [6] LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996. p. 14.
- [7] BAENA, Antonio Ladislau. Ensaio Corográfico sobre a província do Pará. Brasília: Senado Federal, 2004.
- [8] Ibid., p. 189.
- [9] Sobre o Ensaio Corográfico de Antonio Ladislau Monteiro Baena ver BARROS, Michelle Rose Menezes de. “*Germes de Grandeza*”: Antonio Ladislau Monteiro Baena e a descrição de uma província do norte durante a formação do Império Brasileiro (1823-1850). 2006. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- [10] Le Goff, Jacques. Op. cit., p. 14.
- [11] MELLO Júnior, Donato. *Antonio José Landi*. Arquiteto de Belém, percussor da arquitetura neoclássica no Brasil. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973; MEIRA, Filho. Augusto. *O Bi-secular Palácio de Landi*. Belém: Grafisa, 1976 [A primeira edição é de 1972]; TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.
- [12] SARGES, Maria de Nazaré. Do traçado de Landi ao Plasmador da cidade: a obra historiográfica de Augusto Meira Filho. In: BEZERRA, Neto, José Maia; FONTES, Edilza Joana de Oliveira. *Diálogos entre História, literatura & memória*. Belém: Paka-tatu, 2007. p. 329-330.
- [13] MEIRA Filho, Augusto. Op. cit., 1976.
- [14] Id. *O Bi-secular Palácio de Landi*. Op. cit., 1976.
- [15] Id. *Contribuição à história da pintura na província do Gram-Pará no segundo reinado: esboço biográfico de um artista esquecido*. Belém: Sagrada Família, 1975.
- [16] Id. *Contribuição à história de Belém*. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1973-1974. p. 2v.
- [17] Id. *Evolução histórica de Belém do Grão Pará: fundação e história*. Belém: [s.n.], 1976.
- [18] Ibid., p. 495.
- [19] Id.
- [20] Ibid., p. 502.
- [21] Ibid., p. 578.
- [22] Id.
- [23] COELHO, Geraldo Mártires. *História e ideologia: o IHGB e a Republica (1889-1891)*. Belém: Ed. da UFPA, 1981. p. 8-11.

- [24] MEIRA FILHO, Augusto. *Evolução histórica de Belém do Grão Pará*, Op. cit., 1976. p. 585.
- [25] Ibid., p. 584.
- [26] Ibid., p. 577.
- [27] Sobre a Capela Pombo e sua relação com a figura de Antonio Landi ver: KETTLE, Wesley Oliveira. *Capela Viva do senhor morto: usos do oratório público no Grão-Pará do século XVIII*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008; OLIVEIRA, Domingos Sávio de Castro. *Capela Pombo*, Belém/Pa: Interpretação e Perspectivas, 2008, Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- [28] MEIRA, Filho, Augusto. O Bi-secular Palácio de Landi. Op. cit., 1976. p. 57.
- [29] MEIRA FILHO, Augusto. *Landi, esse desconhecido* Op. cit., 1976.
- [30] Sobre o trabalho de história natural produzido por Antonio Landi ver KETTLE, Wesley Oliveira. *Um súdito capaz no Vale Amazônico (ou Landi, esse conhecido): um outro significado da descrição das plantas e animais do Grão-Pará*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- [31] Ibid., p. 11-12.
- [32] MEIRA FILHO, Augusto. *Landi, esse desconhecido*. Op. cit., 1976. p. 12.
- [33] SARGES, Maria de Nazaré. *Op. cit.*, p. 333.
- [34] BAXANDALL, Michael. *O interesse visual intencional: o Retrato de Kahnweiler, de Picasso*. In: Padrões de intenção: a explicação histórica de quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 81.
- [35] MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho, “Dados biográficos – Portugal e Brasil (1750-1791)”, In: VÁRIOS. *Amazônia Felsínea: António José Landi, Itinerário artístico e científico de um arquitecto bolonhês na Amazônia do século XVIII*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999. p. 19-53.
- [36] Id., Op. cit. 2003. p. 311-312.
- [37] Id., Op. cit. 1999. p. 55-56.
- [38] VÁRIOS. *Amazônia Felsínea: António José Landi, Itinerário artístico e científico de um arquitecto bolonhês na Amazônia do século XVIII*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999. p.13-17.
- [39] SOUZA, Luzia de. Contribuição para o conhecimento do arquitecto Landi como naturalista. In: *Amazônia felsínea*. António José Landi. Itinerário artístico e científico de um arquitecto bolonhês na Amazônia do século XVIII. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. 1999. p. 259-72.
- [40] Sobre os aspectos reconhecidos no inventário de Antonio Landi, ver: PAPAVERO, Nelson et al. A História Natural no Tempo de Landi. In: Seminário Landi e o Século XVIII na Amazônia. 2003, Belém: Anais eletrônicos, 2003. Disponível em: <www.forumlandi.com.br/bibliotecaArq/texto2.zip>. Acesso em: 28/01/2010. Sobre a transcrição do Inventário, ver: PAPAVERO, Nelson et al. *Op. cit.*, 2002.
- [41] SANJAD, Nelson; PATACA, Ermelinda Moutinho. As fronteiras do ultramar: engenheiros, matemáticos, naturalistas e artistas na Amazônia, 1750-1820. In: *Artistas e artífices: e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa*. Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, Porto, 2005. Porto: Universidade do Porto. p.431-437. 2007. p.437.

© 2002 - 2011 Revista Cantareira - Todos os direitos reservados.

Os direitos dos artigos publicados nesta edição são propriedade exclusiva dos autores.

Esta obra pode ser obtida gratuitamente no endereço web da revista. Pode ser reproduzida eletronicamente ou impressa, desde que mantida sua integridade.